

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

EDUARDO HIRANO NAKAYAMA

**PEDAGOGIA DO ESPORTE:
O STREETBALL COMO UMA PROPOSTA DE ENSINO
DA MODALIDADE BASQUETEBOL**

**Campinas
2005**



Eduardo Hirano Nakayama

Pedagogia do esporte: o streetball como uma proposta de ensino da modalidade basquetebol

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de bacharel em treinamento.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes.

Campinas
2005

Eduardo Hirano Nakayama

Pedagogia do esporte: o streetball como uma proposta de ensino da modalidade basquetebol

Este exemplar corresponde à redação final da monografia defendida por Eduardo Hirano Nakayama e aprovada pela comissão julgadora em:



Campinas
2005

Agradecimentos

Este é um momento muito especial para mim. Estou feliz por ter conquistado mais uma etapa da minha vida. Mas muito mais do que isto, foi receber a amizade das pessoas que tornaram possível uma melhor formação como profissional, pessoal e acadêmico.

Todo o tempo que morei em Campinas, houve (e há) muitas pessoas que marcaram a minha vida. Algumas delas voltaram para sua cidade natal, outras estão espalhadas pela cidade de Campinas e região. Enfim, são para todas estas pessoas que gostaria de dedicar o meu imenso agradecimento, de coração - Muito Obrigado!

Para o pessoal do pensionato “Pousada do Sol”: Uilian, Rubens, Tadeu, Tiago, Andréia, Adna, Anderson, Raphael, Obregon, Rodrigo, Alexandre, Carol, Keiko, Leslylce e Mayra. Moçada, obrigado por dividirmos todas as alegrias, festas, companheirismos e risadas juntos.

À minha primeira república em 2000, Tiago “Peppers”, Thiago, Bruno, Birú, Ricardo, Luciano e Fátima.

Ao pessoal do pensionato dos “bozós”: Marcelo, Diogo, Gláucio, Júlio, Herman, Luís.

Às pessoas dos demais pensionatos: Árion, Rajiv, Juliana (T.O.), Leandro, Ernesto, Raúl, Marcelo, Alan e Karine

Ao pessoal da FEF (de outros anos): Henrique 97, Lú 97, Mococa 97, BH, João Guilherme 97, Marquinho “pira”, Paulo “litle”, Larissa 99, Rachel 99, CP, Baiano 02, Pocotó, Carla 03, Cotô 04, Ana 04, Thiago 04, Turuta, Aletha, Milton Misuta, Renata Wassall, Rubens “Faisca” e Fernanda Zanchetta.

Ao pessoal da classe FEF 00 noturno: meu imenso abraço a todos. Muito obrigado por todos os momentos que passamos juntos - nas salas de aulas e nos happy hours pela Unicamp.

Aos funcionários da FEF: Paulinho (salva-vidas), Lurdinha, Tião, Eliete (secretária do Roberto), Lourdes, Marli, Geraldinho, Dna. Noriko e Beeroth.

Aos professores da FEF: Paulo Araújo “handebol”, Wagner Wey, Paulo “Cesinha”, Júlio Gavião, Hermes, Alcides, Arthur, Miguel, Carlinhos, Orival, Stucchi, Vera, Marcelo Belém, Jocimar, Jorge Pérez e Enori. Muito obrigado pelo companheirismo e paciência. Aprendi muito com vocês todos.

À Academia Planet Health: Alexandre, Lú, Paula, Manuel, Rogério “Peterson”, Rafinha, Jackie, Ricardinho, Rodrigo, Guilherme e Renato.

Agradecimentos especiais

São para as pessoas que estiveram presentes de uma maneira muito especial na minha vida. São as pessoas que me ajudaram a crescer, a sobreviver, a amar o próximo, a sorrir, a chorar, e especialmente, a compreender o valor de uma amizade.

Antes de tudo, gostaria de agradecer a Deus pela minha vida maravilhosa e por permitir compartilhar a minha alegria com todas essas pessoas que curti a cada instante.

Para começar, gostaria de dedicar esta monografia aos meus pais e a minha família. Papai e mamãe: muito obrigado por vocês me apoiarem sempre. Obrigado por me ensinarem a amar, a viver, a sorrir e lutar a cada momento. Agradeço também, por suportarem desde a escolha da minha carreira até a minha formação acadêmica. Ao meu irmão Ricardo: Ri, espero que você seja uma pessoa muito feliz. Estude bastante, mas não se esqueça de curtir a vida. Tenho muita confiança na sua capacidade e tenho certeza que você se tornará um ótimo profissional. E a minha avó (minha segunda mãe!) Eiko: muito obrigado pelas lições de vida e por ter cuidado de mim quando eu era pequeno. Amo vocês todos.

À minha tia Marlene, aos meus primos Alexandre; Ricardo; Márcio; Melissa e Lily, aos meus tios Jorge e Pedro.

Ao meu amigo (e vizinho) Rodrigo e a sua família: Maria e Fernanda. Foi nesta casa em que comecei a amar, a aprender e a jogar Basquetebol.

Meu amigo de cursinho José, que ajudou na minha monografia, corrigindo algumas partes ortográficas e gramaticais deste trabalho. Zé, você foi sempre um grande amigo apesar de estudarmos a distância. Valeu Zé, consegui!

Meu amigo Zambelli, que me emprestou todos os livros necessários para a pesquisa e como um companheiro que me ensinou muito sobre religião e ter Fé em Deus. Fique com Deus!

Aos meus amigos da faculdade “Guto” Cavazza e “Toninho” Martins. Caras, gosto muito de vocês e espero que sejam muito felizes na vida. À minhas amigas Elaine e Mayra! Muito obrigado pelo tempo que passamos juntos na classe, nas festas, nos churrascos, nas alegrias e nas tristezas! Abraços para todos vocês!

Ao meu professor-orientador e amigo Prof. Roberto Paes. “Robertão”, muito obrigado pela sua paciência, insistência e motivação sobre o meu trabalho e a minha pessoa. Obrigado também por ajudar na minha formação acadêmica e profissional. Um grande abraço e fique com Deus!

E para finalizar, gostaria de dedicar uma atenção especial para esta pessoa: Márcia. Muito obrigado pela sua companhia, alegria, tolerância, amizade, e principalmente pelo seu amor. Agradeço por todo esse tempo e pelo seu carinho. E a toda a sua família: Sr. Hamilton (meu padrinho!), Dna. Ísis (minha madrinha!), Dna. Normélia, Taís e André.

NAKAYAMA, Eduardo Hirano. **Pedagogia do esporte: o streetball como uma proposta de ensino da modalidade basquetebol**. 2005. 34 f. Monografia (Bacharel em Treinamento em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RESUMO

Existem diversos métodos possíveis de serem aplicadas no ensino da modalidade Basquetebol. Em algumas, há a restrição do aprendizado infantil com relação aos aspectos técnicos, táticos e físicos. Outras permitem ao aluno uma ampla noção do esporte, em todas as suas dimensões. Levando em considerações todos os aspectos de ensino do esporte, trataremos aqui, uma possibilidade de ensino suportado através de artigos e de um exemplo prático que é realizado na Espanha como um programa escolar - o Streetball. O estudo justifica-se pela falta de pesquisas que envolvam os dois jogos, alguns problemas físicos que são apresentados nas escolas, clubes e parques recreativos (pouco espaço, falta de materiais, tabelas e aros mal conservados, entre outros) e a má estruturação das aulas. Através de uma revisão bibliográfica apresentaremos este jogo que já foi difundido mundialmente e agora como uma possibilidade pedagógica.

Palavras chaves: Basquetebol, Streetball, Pedagogia do esporte

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - My freedom got a rim	p. 11
Figura 1 - Dr. Luther Gulick	p. 12
Figura 2 - Dr. James A. Naismith	p. 13
Figura 4 - Primeiro jogo de basquetebol com cesta de pêssego	p. 13
Figura 5 - Holcombe Rucker	p. 16
Figura 6 - Holcombe Rucker Park	p. 16
Figura 7 - Michael Jordan contra os Jazz	p. 18
Figura 8 - Michael Jordan contra os Knicks	p. 20
Figura 9 - Michael Jordan contra os Celtics	p. 21
Figura 10 - Crianças no projeto Sunny Delight	p. 24
Figura 11 - Campeonato de streetball Sunny Delight	p. 26
Figura 12 - “Segurando o mundo”	p. 28
Figura 13 - Julius Erving (“Dr. J”)	p. 29

Sumário

Introdução	p. 9
Capítulo 1 - Um breve relato da História do Basquetebol e do Streetball	p. 12
1.1 Basquetebol	p. 12
1.1.2 Basquetebol no Brasil	p. 14
1.2 Streetball	p. 15
Capítulo 2 - Jogo e Esporte - O Streetball na interface com o Basquetebol	p. 17
2.1 Jogo	p. 17
2.2 Esporte	p. 18
2.3 Jogo e o Esporte no contexto pedagógico	p. 19
2.4 Basquetebol	p. 20
2.4.1 O Basquetebol sob o ponto de vista das Habilidades Motoras básicas	p. 20
2.4.2 O Basquetebol sob o ponto de vista dos Aspectos Técnicos específicos	p. 21
2.4.3 O Basquetebol sob o ponto de vista Tático	p. 22
2.5 Streetball: um jogo como possibilidade pedagógica para o ensino do Basquetebol	p. 23
Considerações Finais	p. 28
Figuras Anexadas	p. 30
Referências Bibliográficas	p. 31
Anexo	p. 35

Introdução

A modalidade Basquetebol é um esporte disseminado no Brasil, que tem sido utilizada por professores como meio facilitador do processo de ensino de habilidade motoras básicas e específicas e “também como um esporte capaz de formar não somente atletas, mas cidadãos criativos, observadores e críticos em seu meio social” (GALATTI, 2002, p. 2). Oliveira (2004) reforça essa idéia afirmando que a prática do esporte pode promover intervenções na sociedade quanto à cooperação, convivência, participação, inclusão, entre outros.

A pedagogia do basquetebol oferece diversas alternativas metodológicas que podem ser aplicadas como um transmissor das habilidades e capacidades físicas, técnicas e táticas inerentes ao esporte, como também um estimulador de outras desenvolvimentos como os aspectos cognitivos e emocionais (GALATTI, 2002). Isso tudo visando sempre o respeito à individualidade humana.

Analisando o sistema formal (escolas), não-formal (clubes, escolinhas de esporte e academias) e informal (ruas, parques e espaços recreativos; sem acompanhamento de um instrutor, professor ou monitor), podemos observar uma restrição e limitação das possibilidades pedagógicas do esporte nesses vários ambientes onde ocorre o ensino do basquetebol. Por exemplo, podemos observar fatos que levam à algumas situações-problemas: muitos alunos para poucos materiais (como ocorre em escolas públicas, espaços recreativos), ou até mesmo por falta de interesse pela prática – poucos alunos presentes (nos dias de chuva ou em uma instituição de ensino não-formal); má conservação das quadras (com aros e tabelas mal conservados; situação observada principalmente nos parques e locais recreativos). Unindo esses aspectos à má estruturação das aulas, existe a possibilidade da evasão dos alunos para outros esportes, da falta de interesse no esporte e, conseqüentemente, do menor incentivo e apoio para o progresso da modalidade. Oliveira e Paes (2004) apontam outros problemas como o desrespeito às fases sensíveis da aprendizagem, a especialização precoce, a ausência de resultados em nível internacional, o ensino tecnicista de forma fragmentada e o treinamento tático realizado somente por jogadas.

Partindo destes pressupostos, cabe ao profissional/professor optar por um método compatível e traçar um objetivo que busque soluções para esses problemas observados.

O estudo pretende oferecer em um plano geral, uma revisão bibliográfica (em nível introdutório) da pedagogia de ensino do Basquetebol. E como um objetivo específico, sinalizar uma proposta pedagógica para o ensino do Basquetebol, tendo como facilitador do processo, o Streetball. Este jogo paralelo ao basquetebol é praticado por diversos países e inclusive, aplicado na Espanha como um método de ensino nas escolas. Acreditamos nesta proposta pela similaridade que existe entre o Streetball e o Basquetebol tradicional, este:

[...] constituído por uma soma de habilidades específicas ou fundamentos de jogo. Essas habilidades evoluem para situações específicas do jogo e conseqüentemente, quando requerem maior organização, derivam para os aspectos táticos (defensivos e ofensivos). Toda essa estrutura depende, fundamentalmente, do correto desenvolvimento de capacidades motoras condicionantes e coordenativas (FERREIRA, DE ROSE JÚNIOR, 2003).

A técnica de pesquisa empregada nesta monografia foi a documentação indireta, que é definida como: uma fase marcada pela obtenção de informações prévias sobre o assunto a ser tratado (LAKATOS E MARCONI, 1995). A pesquisa bibliográfica, inserida como meio de busca de dados científicos na documentação indireta, abrange referências já tornadas pública, e a sua finalidade consiste em

[...] colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicada, quer gravadas. (LAKATOS E MARCONI, 1995, p. 183).

A bibliografia fornece meios para abordar, não somente problemas conhecidos, como também explorar novas áreas onde existem situações que ainda são pertinentes a isso, além de permitir reforçar a pesquisa e a manipulação das informações relevantes. (MANZO apud LAKATOS E MARCONI, 1995). Para isso, utilizaremos fontes bibliográficas como imprensa escrita (jornais e revistas), meios audiovisuais (rádio, filmes e televisão) e publicações (livros, teses, monografias, artigos, etc.).

Esse estudo faz-se necessário pela falta de pesquisas que envolvam o Streetball junto ao esporte tradicional. Para nós, a definição deste jogo ainda está em andamento, visto que a sua criação – apesar de ter origem há anos – não possui um significado concreto.

Considerando os objetivos presentes neste estudo, tomaremos como conduta de trabalho as seguintes propostas:

- Um breve relato da história do Basquetebol e do Streetball;
- Apresentaremos uma interface entre o jogo, o esporte e o basquetebol de rua, discutindo a importância do jogo/esporte e a sua influência dentro do basquetebol e do Streetball;
- É para completar, apoiaremos em um artigo da Revista JOPERD (*The Journal Of Physical Education, Recreation & Dance*) e numa experiência de um projeto realizado na Espanha. Com base nestes estudos, iremos expor uma possibilidade de inserir o Streetball como uma pedagogia do Basquetebol no Brasil.



Fig. 1 - My freedom got a rim

Por fim, retrataremos uma possibilidade de como seria este novo método, sem uma conclusão final, pois isto envolveria uma aplicação prática, debates sobre o tema e mais estudos aprofundados.

Capítulo 1 - Um breve relato da história do Basquetebol e do Streetball

1.1 Basquetebol

A história inicia em 1891, onde Dr. Luther Halsey Gulick era o professor-diretor de Educação Física do YMCA (Young Men's Christian Association ou Associação Cristã de Moços, no Brasil) em Springfield, Massachusetts – EUA.

Dr. Gulick era desafiado pelos alunos a cada estação de inverno, os quais pelo fato de serem muito frios, não permitiam a prática de modalidades esportivas como o beisebol e o futebol americano. Os estudantes estavam desmotivados em realizar exercícios calistênicos, ginásticos e marchas. Por esse motivo, surgiu a desobediência disciplinar, prática contrária àquela aplicada na ética cristã



Fig. 2 - Dr. Luther Gulick

do centro de treinamento do YMCA. Sentindo a necessidade de uma atividade mais atraente, Luther Gulick convocou o professor canadense James A. Naismith, formado em artes e teologia pela faculdade presbiteriana de Montreal (e que viria a conquistar o diploma de Educação Física em 1910), para tomar providências e solucionar o problema.

Avaliando o problema, Naismith afirmava que:

[...] o problema não é com os homens, mas com o sistema que estamos usando... o tipo de trabalho para essa classe em particular, deve ser de uma natureza recreativa, algo que encante seus instintos de jogo [...] (MCKISSACK JR., 1999, p. 5).

Pensando em diminuir a violência do jogo (em comparação aos outros esportes), o professor canadense determinou que o jogo deveria ser jogado com as mãos ao invés dos pés, visto que o último tem maior chances de agressão devido aos chutes; pelo mesmo motivo, concluiu que a bola não poderia ser tocada com o punho fechado, evitando, assim socos acidentais. Depois de tentar variações de jogos como o Futebol Americano e Rúgbi, achou que se o objetivo fosse colocado em postes para se fazer os pontos, seria muito mais necessário uma habilidade fina ao invés de apenas a força bruta.

James tentou, então, um jogo onde os alvos seriam duas caixas; mas a ausência delas, gerou a opção por duas cestas de pêssegos – vindo daí o nome do esporte: Basketball



Fig. 3 - Dr. James A. Naismith

ou em português, Basquetebol. (A palavra Basket, traduzida do inglês, significa cesta - como uma idéia da cesta de pêssigo). Ele colocou as cestas em uma altura de 10 pés (equivalentes a 3,05 m.), medida que permanece até a atualidade. Surgia assim o Basquetebol, uma modalidade que começou com uma bola de futebol e que foi introduzida com treze regras básicas, que foram fornecendo ao jogo características de esporte.

Quando a classe foi fazer aula de Educação Física, Naismith disse que seria seu último esforço em criar um novo jogo. Dividindo a classe em dois times de nove jogadores cada, dava-se início ao primeiro “bola ao alto”.

Não houve registros sobre o placar daquele jogo, porém, sabe-se que ocorreram muitas faltas.

Antes do nome original do esporte, o jogo foi chamado de “Naismith ball”, mas o criador recusou. O jornal da escola, *The Triangle*, publicou um artigo que levava o título de Basket Ball, escrito pelo próprio criador. Ele dizia que a nova modalidade poderia comportar mais de 40 pessoas, mas que o ideal seria nove jogadores. Afirmava que quanto mais jogadores estivessem em campo, mais divertido seria o jogo.

Foram feitas diversas alterações nas regras do basquetebol durante o ano de criação. Em 1893, o YMCA sugeriu que o esporte recém criado fosse jogado com apenas cinco pessoas em pequenos ginásios e nove em maiores (a regra de cinco titulares foi incorporada em 1897). A cesta teve evoluções até 1912, quando substituíram a cesta de pêssigo por uma cesta de metal com uma rede de pano com o fundo aberto. Antigamente, toda vez que era feito ponto, o árbitro usava uma longa vara para tirar a bola do cesto.

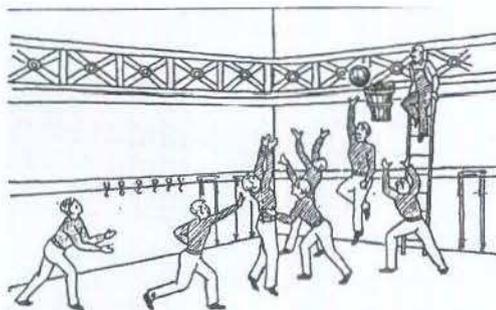


Fig. 4 - Primeiro jogo de Basquetebol com cesta de pêssigo

No período de 1894-95, a primeira bola de Basquetebol foi colocada em jogo, uma borracha inflada envolvida em couro com 10 centímetros de diâmetro a mais que uma bola

de futebol (de acordo com a FIFA, a bola atual possui no máximo 70 cm. e no mínimo 68 cm. de diâmetro), ou seja, a bola de basquete daquela época era um pouco maior que a atual. A tabela foi inventada no ano seguinte para evitar que os fãs do esporte interferissem no jogo. Assim a tabela de 1,21 de altura por 1,82 de largura, de madeira ou de metal foi colocada atrás de cada cesta.

Naquele tempo, o jogo era muito lento comparado aos jogos atuais, mesmo porque havia um “bola ao alto” após cada ponto convertido. Como solução foi implementada a saída de bola pelo fundo da quadra a cada cesta. No início, contavam-se três pontos para cada cesta, mas isso foi alterado para dois pontos por cesta na temporada de 1895-96. O arremesso livre foi introduzido no início da década de 1890 e oito anos mais tarde foi proibido o drible com duas mãos.

Logo, o esporte foi se disseminando rapidamente pelas escolas da ACM nos EUA e não demorou em que os membros da entidade levassem a modalidade para outros países, como por exemplo o Brasil, que o conheceu em 1894. Uma amostra de como o Basquetebol cresceu muito rápido, é que com apenas treze anos de existência, foi incluído como modalidade demonstrativa nos Jogos Olímpicos de Sant Louis em 1904.

1.1.2 Basquetebol no Brasil

Trazido em 1894 pelo professor americano de artes Augusto Shaw, que veio ao país para lecionar no Colégio Mackenzie, o novo esporte foi inicialmente muito bem aceito por mulheres, que passaram a praticá-lo, o que dificultou a aceitação dos homens em uma sociedade rígida como naquela época. As barreiras foram ainda maiores com a chegada do futebol no mesmo ano, o qual foi taxado como prática masculina. Com o tempo, Shaw conseguiu atrair os alunos e, em 1896, formou a primeira equipe de Basquetebol do Mackenzie College.

A ACM disseminou o esporte no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, estado onde aconteceram os primeiros torneios esportivos no país. Foi lá também que se iniciou a introdução do esporte nos clubes, sendo o América Futebol Clube o primeiro a montar uma equipe de Basquetebol.

A primeira seleção brasileira foi criada em 1922 para comemorar o centenário do Brasil no jogos Latino-Americanos. A seleção masculina foi bicampeã mundial em 1959 e 1963 e medalha de bronze nos jogos olímpicos de Roma em 1964. Já a seleção feminina sagrou-se campeã mundial em 1994; vice-campeã olímpica em Atlanta, EUA, 1996 e medalha de bronze em 2000, nas Olimpíadas de Sidney, Austrália.

1.2 Streetball

O Streetball foi criado para descrever um estilo de jogo que já era praticado há mais de 50 anos. Mesmo antes da origem do próprio nome, autores e jogadores já tentavam definir o fenômeno. Para o autor do livro *“The city game”*,

Basquetebol é o jogo da cidade. Seus campos de batalhas são faixas de asfalto entre cercas destroçadas ou prédios desmoronando; seus ritmos crescem com o golpe desconcertante da bola contra o solo. Não é necessário espaço aberto, quintais exuberantes ou equipamento elaborado. Também não é necessário um número específico de jogadores. Confrontos ‘mano-a-mano’ no parque podem ser tão memoráveis quanto um jogo com alto nível de organização. Basquetebol é o jogo para jovens atletas sem carros ou mesadas – o jogo de quem o drama e ação são intensificados pelo limite de espaço e pela vizinhança caótica. (AXTHELM, 1970, p. XV).

No entanto o Streetball não é reconhecido para o autor Khalid Salaam, editor da revista de Basquetebol americana *SLAM*:

[...] não existe nada chamado Streetball: Ninguém nunca pergunta se você quer jogar Streetball. Eles te perguntam se você quer jogar basquetebol. Mas isso está longe de ser a realidade quando focamos o assunto naqueles que praticam o esporte e fazem dele seu estilo de vida. (SALAAM apud ZAMBELLI, 2004).

Uma definição que é relevante a esses dois extremos foi dada pela organização australiana Major Streetball Foundation - MSF (apud ZAMBELLI, 2004):

[...] é autêntico, é basquetebol em sua pureza, jogado em céu aberto, nos parques, nas ruas, na chuva, no sol, criativamente, sem limites, sem tempo de se constranger, sem custos, livres de instruções e cheio de liberdade. Streetball é Basquetebol, nada muda, mas ao mesmo tempo é um mundo todo novo lá fora [...].

A organização MSF diz que há diferentes afirmações para a definição do basquete de rua. Primeiramente afirmando que o Streetball é a alma do jogo. Depois, que Streetball é Basquetebol e o que muda é o fato de ser jogado fora dos ginásios, este, quando acontece, observa-se que os jogadores deixam de lado os técnicos e as duras regras. Então os “verdadeiros jogadores” são os que jogam externamente, levando consigo duas propriedades pertinentes ao streetball: amor e liberdade.

Streetball é um mundo livre onde jogadores podem expressar eles mesmos e não ter que se preocupar com o técnico dizendo para ele ou ela o que é certo ou errado.

Tim "Headache" Gittens (jogador de Streetball) - Fonte: (<http://www.msfbasketball.com/headache.htm>, acesso em: 03 dez. 2004)

O basquetebol de rua, denominado streetball nos EUA, originou-se no início do século XX nas cidades de Washington D.C. e Nova York. Foi criado assim como o basquete convencional, com o intuito de ser jogado dentro de ginásios nos meses de inverno. Com o crescimento do esporte, a população local começou a jogar nas próprias ruas nos períodos em que não havia neve. Observando a positiva influência que o esporte trazia, o governo incentivou a construção de praças públicas com quadras para que as pessoas pudessem praticar o Streetball.

Em 1946, Holcombe Rucker, empregado do departamento de parques de Nova York, começou um torneio de basquetebol na quadra da rua 155 do bairro de Harlem com o propósito de manter as crianças longe das drogas, violências e péssimas influências que eram características da região. Essa quadra hoje é conhecida como *The Rucker Park*, um dos principais pontos de referência do esporte. Desde então, campeonatos são realizados anualmente.



Fig. 5 - Holcombe Rucker



Fig. 6 - Holcombe Rucker Park

Apesar do Streetball já existir, o crescimento globalizado do fenômeno tem ocorrido de fato nos últimos anos. "Se você viu os negros de faculdades de 1950 e início de 1960, você viu o estilo mais exuberante", disse Sonny Hill, um antigo jogador de faculdade de negros que estabeleceu muita

influência nas ligas de verão em Filadélfia (EUA). "Eu sempre digo que as pessoas que viram aqueles jogos, viram o jeito que o basquetebol é jogado hoje." (FITZPATRICK, 1999, p. 240 e 241).

Capítulo 2: Jogo e Esporte - O Streetball na interface com o Basquetebol

No capítulo da história do Basquetebol verificamos a sua origem como jogo, que com o passar do tempo, sofreu diversas modificações até ser caracterizado como um esporte. Um caso similar está ocorrendo com o Streetball, porém é muito cedo para afirmar a transformação deste jogo em nova modalidade esportiva institucionalizada. Com o intuito de destacar a importância do jogo e do esporte, daremos uma noção básica desses dois fenômenos, como também faremos uma interface de ambos com o Streetball.

2.1 Jogo

Diante de várias definições acerca da palavra jogo, faremos aqui uma breve introdução dela, assim como um norteador do nosso estudo.

Johan Huizinga considera que o jogo é anterior à civilização e a própria cultura, onde destacam as importâncias delas para o desenvolvimento humano.

[...] jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana. (HUIZINGA, 2004, p. 33).

Para Antunes,

[...] a palavra jogo provém de *jocu*, substantivo masculino de origem latina e que significa *gracejo*. Em seu sentido etimológico, portanto, expressa um divertimento, brincadeira, passatempo sujeito a regras que devem ser observadas quando se joga. (ANTUNES, 2002, p. 11).

Podemos observar que a definição dada pelos dois autores aborda o jogo como manifestações lúdicas e sócio-culturais e que são passíveis de discussões de valores. Permeiam também o estabelecimento de relações que se fazem entre o jogo/esporte e o cotidiano de uma pessoa, justificando esses fenômenos como pedagógicos.

Vemos então a importância do jogo como parte da introdução do basquetebol, como elemento lúdico e um valor acima de uma vitória ou de uma derrota.

[...] o jogo deve estar presente no aprendizado, contudo, deve ser acentuado nele seu caráter lúdico, retomando à sua característica: ser como uma festa [...].

A atividade que deve estar presente na iniciação do basquetebol é o jogo. Acentuando-se sempre sua dimensão lúdica, não se subordinando o processo apenas às vitórias e derrotas, mas abrindo um universo maior, dando-lhe um valor educacional. Só assim poderemos tê-lo como elemento central do desenvolvimento da criança, indo além, até mesmo, de uma simples iniciação em

basquetebol, considerando-o como elemento formativo com valores educacionais e culturais

[...] A partir desta festa, onde teremos o jogo como um meio, poderemos dar oportunidade a um número maior de participantes da modalidade basquetebol, de optarem para a prática do basquetebol (PAES, 1997, p. 61 e 62).

2.2 Esporte

Definindo brevemente a palavra jogo, trataremos aqui, o contexto da palavra esporte em nossa pesquisa. Apesar de existir muitas definições, retrataremos o significado em nível introdutório.

Muitos autores tentam compreender e definir o esporte, porém na sua grande maioria acabam priorizando o esporte profissional. Seria muito difícil encontrar uma definição que abordasse todo o seu contexto, já que existem muitos pontos de vista diferentes. Através de algumas definições, tentaremos aproximar-nos do esporte educacional, mais pertinente à esse estudo.

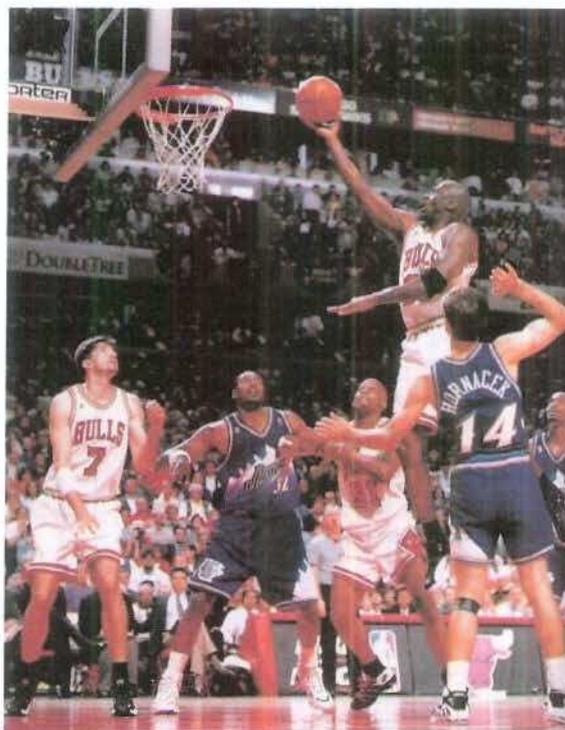


Fig. 7 - Michael Jordan contra os Jazz

O esporte, em sua maioria, prioriza a competição, o alto-rendimento, a quebra de recordes e a superação entre os atletas.

O Esporte tem sido conceituado como uma ação social institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde; seu resultado é determinado pela habilidade e estratégia do participante, e é para este gratificante tanto intrínseca como extrínsecamente. (BETTI, 1991, p. 24).

Quando estudamos pesquisadores que estão vinculados ao esporte como educação, podemos observar a proximidade com a pedagogia na Educação Física:

O esporte é uma representação simbólica da vida, de natureza educacional, podendo promover no praticante, modificações tanto na compreensão de valores como nos costumes e modo de comportamento, interferindo no desenvolvimento

individual, aproximando pessoas que tem, neste fenômeno, um meio para estabelecer e manter um melhor relacionamento social. (PAES, 1998, p. 112).

É importante que as pessoas que estão envolvidas com o esporte, isto é, professores, técnicos, pais, amigos e outros, compreendam as diversas manifestações esportivas e os significados das mesmas para os envolvidos. O esporte infantil é diferente daquele dos atletas profissionais e os elementos que compõem a pedagogia esportiva nem sempre são equivalente ao esporte profissional. Temos então no esporte educacional o enfoque na ação educativa, que centra seu compromisso no desenvolvimento do aluno – físico, emocional, espiritual e social.

2.3 O jogo e o esporte no contexto pedagógico

Agora que já abordamos previamente o jogo e o esporte, faz-se necessário integrar os dois temas e situá-los na perspectiva da pedagogia do esporte.

Abordando o jogo como um elemento pedagógico, Balbino afirma:

[...] pela possibilidade de ser o jogo um instrumento pedagógico, ampliam-se e transformam-se suas possibilidades, adquirindo novos significados dentro e por meio da sua prática, permitindo a quem joga, aprender incessantemente. (FREIRE apud BALBINO, 2001, p. 17).

As vantagens do jogo como recurso pedagógico, são abordados por Paes:

[...] o jogo apresenta algumas vantagens como recurso pedagógico: a ludicidade, a cooperação, a participação, o retorno à origem do esporte e mesmo à competição que, tratada de forma adequada, sem valorização exacerbada, pode promover a alegria e o prazer de uma prática que nunca se repete [...] (PAES, 1998, p. 112).

O esporte como conteúdo da Educação Física escolar deve transformar, adaptar e reconstruir o jogo para cada indivíduo que o pratica, e ainda assim, ser moderado pela suas necessidades e pretensões. Na iniciação, o basquetebol perde características de esporte e passa a comportar-se como um jogo, onde é passível de mudanças que são de acordo com o objetivo do professor e das possibilidades dos alunos. A isso, Paes dá o nome de jogo possível: “Entendemos o jogo possível como um conceito descritivo para nos referirmos a algo com objetivos específicos. O jogo possível é uma combinação de diferentes tipos de jogos: cooperativos, pré-desportivos e adaptados”. (PAES, 1998, p. 112).

Para o ensino do esporte, podemos incluir o jogo possível em jogos modificados do próprio basquetebol (no caso, o Streetball), em vontade de tornar a atividade mais motivante e agradável para quem o pratica, e ao mesmo tempo visando um desenvolvimento do ser humano em seus mais variados aspectos.

2.4 Basquetebol

De acordo com Ferreira e De Rose Junior (2003), o basquetebol é formado pela união de habilidades específicas ou fundamentais do jogo. Para os autores, essas habilidades evoluem conforme a especificidade do jogo, e conseqüentemente derivam para os aspectos táticos, quando necessitarem de maiores organizações. A eficácia dessa estrutura depende do desenvolvimento das capacidades motoras condicionantes (força, resistência, flexibilidade e velocidade) e coordenativas ou psicomotoras (destacamos percepção espaço-temporal, seleção imagem-campo, coordenação multimembros, coordenação óculo-manual, destreza manual, estabilidade braço-mão e precisão).

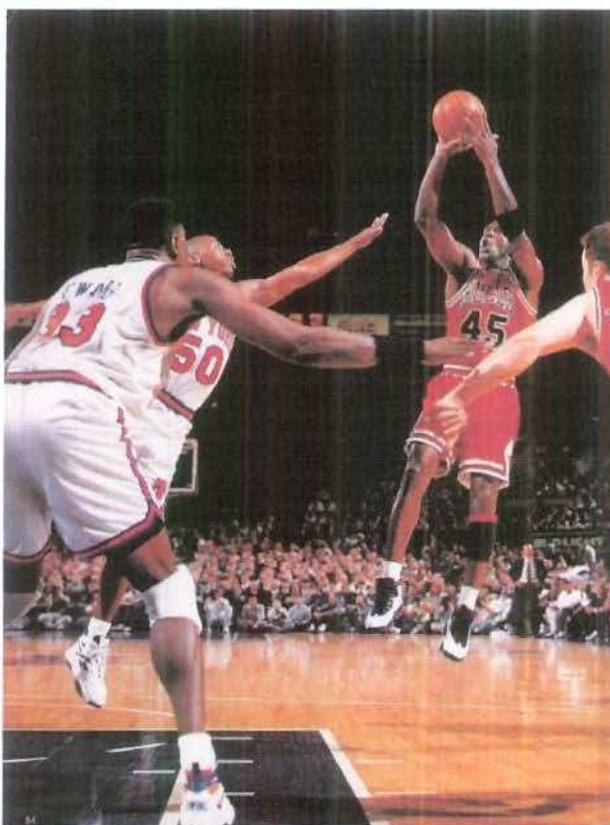


Fig. 8 - Michael Jordan contra os Knicks

2.4.1 O basquetebol sob o ponto de vista das habilidades motoras básicas

Apresentaremos uma classificação desenvolvida por Magill (1984), onde o basquetebol pode ser considerado uma atividade que possui as seguintes características:

- Precisão dos movimentos: envolve uma habilidade grossa ou global (participação dos grandes grupos musculares) e habilidades finas (controle de grupos musculares menores e responsáveis por movimentos específicos);
- Quanto aos pontos iniciais e finais da tarefa: analisando os fundamentos isoladamente, verificamos que a maioria possui seus pontos iniciais e finais bem definidos, caracterizados como habilidades discretas. Mas alguns fundamentos não possuem essa característica como por exemplo o drible – habilidade contínua. As somas dessas duas habilidades são ditas como habilidades seriadas. Exemplo: um jogador driblando (contínua), inicia a ação para efetuar uma bandeja (discreta);
- Estabilidade do ambiente: o Basquetebol é praticado, em quase todos momentos, num ambiente aberto, isto é, sofre influências de fatores como deslocamentos dos atletas, distâncias diferentes para a finalização, mudança de ritmo, relação entre jogadores do mesmo time e entre seus adversários. A exceção é observada no lance livre, onde o ambiente é fechado, pois o jogador não sofre influências dos fatores citados (não são considerados os fatores psicológicos que podem estar presentes).

2.4.2 O Basquetebol sob o ponto de vista dos aspectos técnicos específicos

A representação da técnica ocorre por meio da execução dos fundamentos específicos (são os gestos básicos do jogo, que podem ser executados em conjuntos ou isoladamente. Dependem das capacidades motoras condicionais e coordenativas):

- a) Fundamentos de defesa: movimentação executada sem a posse de bola (com exceção do rebote de defesa – pois possui uma fase de contato com a bola durante sua recuperação). Envolvemos neste processo os fundamentos de



Fig. 9 - Michael Jordan contra os Celtics

controle de corpo (procedimento básico para a execução de todos as outras bases e que permite dar a possibilidade de variar os seus movimentos – deslocamentos para todas as direções, saltos, paradas bruscas, mudança de ritmo/direção e giros), posição defensiva (melhor posicionamento frente a um ataque) e rebote (ato de recuperar a bola após um lance não convertido, seja ele de ataque ou defesa).

- b) Fundamentos de ataque: executados com a posse de bola, tendo diferentes funções que vão desde o deslocamento de um jogador com bola (drible), lançamentos entre dois ou mais companheiros de equipe (passes), lançamentos à cesta (arremessos, bandeja), controle de corpo (idem à definição dada no item acima), controle de bola (manuseio de bola em diversas situações de jogo) e rebote ofensivo (idem ao item anterior, porém voltado para o lance feito no ataque).

2.4.3 O Basquetebol sob o ponto de vista tático

Para Sampedro, a tática “consiste no saber fazer. É a ação a curto prazo que permite sucesso momentâneo.” (apud TRICOLI, DE ROSE JUNIOR, 2005, p. 9).

Resumidamente, o basquetebol envolve três tipos de ações táticas:

- ações individuais (situações de um contra um);
- ações grupais (situações de dois contra dois e três contra três);
- ações coletivas (situações de jogo completo).

Todas essas ações são baseadas em um conjunto de técnicas, formando-se um complexo sistema que pode ser modificado pelo nível de habilidades individuais ou pelas experiências vividas por cada um dos jogadores em diferentes situações de jogo, consistindo com a combinação de dois ou mais fundamentos ou um fundamento realizado com diversas opções de movimentos.

Observando o jogo, pode-se dizer que o mesmo se estrutura em unidades complexas que evoluem progressivamente para alcançar um nível de coletividade desejável em favor dos objetivos ofensivos ou defensivos da equipe.

Situação um contra um: para Ferreira e De Rose Junior (2003) essa é a fase mais elementar do jogo, quando dois oponentes tentam levar vantagem um sobre o outro, em

uma situação de ataque sobre a defesa. Logo, prevalece a capacidade e habilidade individual de cada jogador.

Nessa situação, o defensor deverá, através dos fundamentos específicos, implicar em uma falha do atacante: evitar recepção da bola, conduzir o atacante a locais da quadra que dificultem a sua ação de passe e arremesso; diminuir o espaço do atacante quando o atacante pára de driblar. O atacante por sua vez, deverá usar os fundamentos de ataque para receber a bola em condições adequadas para efetuar a cesta ou o passe, movimentar-se constantemente e evitar levar a bola para regiões que dificultem o passe e os arremessos (como por exemplo as laterais e cantos da quadra).

Situação dois contra dois e três contra três: nessas situações ocorre o aumento do número de possibilidades de ações entre atacantes e defensores, além da combinação entre as duas funções.

Os fundamentos serão executados conforme o melhor posicionamento dos jogadores em quadra, como também a organização e a sincronização dos movimentos entre eles.

Situações de jogo completo – defesa / ataque: quando as situações de jogo envolvem mais de um atacante ou defensor, podemos pensar em uma organização mais eficiente que envolva definição de posicionamento e das funções de cada jogador. As organizações envolvem aspectos táticos do jogo como sistemas de defesa e de ataque. Esses sistemas podem ser adaptados de acordo com a habilidade individual, condições da equipe e situações de jogo.

2.5 Streetball: um jogo como possibilidade pedagógica para o ensino do Basquetebol

Analisando o jogo de Streetball, verificamos a presença de todos os conteúdos inseridos no Basquetebol. Este jogo, por sua vez, poderá ser praticado em uma quadra inteira ou como também em apenas um dos lados dela, com número reduzido de jogadores (abrangendo de dois jogadores a um time completo de cinco pessoas em cada time). Podem ser utilizados como facilitadores do ensino, pois permitem adequar as atividades às vivências motoras dos alunos, e podem ser praticados na escola, clube ou qualquer outro local, em função da sua ação recreativa. A ludicidade e a motivação do jogo acaba facilitando a sua implementação, envolvendo um grande número de alunos. A pretensão

deste jogo é propiciar um largo desenvolvimento motor e físico, e fornecer o prazer pelo jogo de Basquetebol. Suportamos esta afirmação em um texto de Paes:

“O jogo tem uma função extraordinária; ao mesmo tempo que acentua a ludicidade de uma prática esportiva, pode também exercer rigor nas suas exigências técnicas, proporcionando ao aluno melhor compreensão dos fundamentos e da lógica técnico-tática das modalidades esportivas. O jogo nos permitirá ensinar o esporte, proporcionando ao aluno conhecer e tomar gosto por sua prática. Enfim, é preciso jogar para aprender” (PAES, 1998, p. 112).

O jogo Streetball como meio de pedagogia do Basquetebol está balizado em duas aplicações - a primeira foi publicada em um artigo lançado em 1996, titulado: “*Teaching Games For Understanding (TGFU) – Evolution of a model*”. A segunda está embasada em uma proposta similar a esse estudo, porém aplicado na Espanha, chamado de “Programa escolar de Baloncesto - Sunny Delight 3x3” e moderado pela Federação Espanhola de Basquetebol.



O texto do *TGFU* traz referência aos métodos de como introduzir as crianças ao esporte. A pedagogia do esporte evoluiu bastante com o passar dos anos, porém ainda hoje existem controvérsias sobre o assunto. Demonstraremos aqui a sua antiga aplicação e como pretendemos aplicar, através de um modelo de ensino desenvolvido por Werner, Thorpe e Bunker (1996), o Streetball como um meio de ensino do Basquetebol.

Tradicionalmente, o ensino tecnicista era aplicado como forma de desenvolvimento e controle da suas habilidades, mas ao longo do tempo, os autores apresentaram as falhas nesse método – jogadores que ficavam com as técnicas estagnadas e com baixas decisões de ações em diversas situações de jogo, inserindo a necessidade de um técnico ou professor como mediador de decisões. As aulas que enfatizavam esse tipo de sistema quase sempre

geravam pouca motivação, além de situações nas quais os alunos perguntam “quando poderemos jogar basquete?” (WERNER, THORPE e BUNKER, 1996, p. 28, 29).

Os autores Bunker & Thorpe apresentaram uma nova proposta de ensino em 1982 (BUNKER & THORPE apud. WERNER, THORPE e BUNKER, 1996) - inicialmente o jogador deverá ser capaz de entender, através da ajuda de um professor, o formato do jogo, isto é, as situações diversas que compõe a atividade. Deverá também reconhecer os problemas que são apresentados e quais seriam as melhores alternativas para resolução; para isso, é importante o professor fornecer a quantidade de jogadores necessários em um time, o plano de jogo a ser traçado e também modificar o espaço que podem gerar problemas para o aluno raciocinar.

Na representação da noção de um jogo - os espaços menores, as modificações [...] são desenvolvidas com o mesmo conteúdo tático essencial dos jogos oficiais, mas são praticadas com adaptações que convêm à altura, idade e habilidade das crianças. Modificando o número de jogadores em um time, o tamanho da quadra, e o tipo de equipamento usado, as crianças poderão aprender a essência do jogo: como atacar ou defender um espaço, como marcar pontos, quando marcar alguém, quando recuar para defender a sua zona, quando realizar uma parada brusca e quando organizar uma jogada. (WERNER, THORPE e BUNKER, 1996, p. 30).

Gradualmente, os alunos vão observando as situações de jogo que lhe são apresentadas: as mudanças no números de jogadores (1x1, 2x2, 3x3 à 5x5) podem facilitar/dificultar uma meta a ser atingida, o tamanho da quadra pode influenciar em uma coordenação espacial, entre outras. A imposição de tempo (como a posse de bola ou a possibilidade de ficar dentro do garrafão - região demarcada na quadra onde se realiza o lance livre) e algumas regras (como proibir o “andar com a bola”, parar a bola e tornar a batê-la, etc.) também podem desencadear o aumento do nível de habilidade técnicas e táticas do jogador.

Diante disso, verificamos que a aplicação de uma situação como o Streetball permitirá o progresso das crianças para as situações mais complexas:

As crianças são introduzidas às táticas através da introdução gradual dos movimentos primários, baseados em idéias simples de espaço e tempo. Investigando essas idéias em jogos simples, permitiremos o progresso das crianças para uma situação mais avançada. (WERNER, THORPE e BUNKER, 1996, p. 29).

Os autores também suportam a opinião de que a prática de um outro jogo similar contribui para a agregação de idéias da criança: “Se os professores utilizarem ou provarem

diferentes jogos da mesma categoria, poderão conduzir as crianças a entender similaridades entre jogos aparentemente diferentes dentro de um tipo de jogo [...]” (WERNER, THORPE e BUNKER, 1996, p. 30).

Colocando essa idéia em prática, verificamos essa aplicação no “Programa Escolar de Baloncesto - Sunny Delight 3x3” na Espanha. Averiguando a cartilha do ano de 2004, entregue aos professores e organizadores do projeto, podemos analisar um plano para aplicarmos o Streetball como ensino do Basquetebol no Brasil.

O programa, no ano de 2004, completou quatro anos de existência, abordando 11.426 centros educativos, 22.688 professores de Educação Física e mais de quatro milhões de alunos entre oito e dezoito anos. O projeto que é suportado pela Federação Espanhola de Basquetebol e patrocinado pela empresa multinacional Procter & Gamble, tem como objetivo

oferecer o jogo nas escolas (ao invés de oferecer somente nas escolinhas de esporte), promover o basquetebol como



Fig. 11 - Campeonato de streetball Sunny Delight

esporte atual, contribuir com a formação integral dos alunos e colaborar com a ação dos docentes de Educação Física. Para isso, é entregue um material para cada professor, que contém: bolas pequenas (para os alunos do primário - tipo de divisão escolar referente ao modelo espanhol) e bolas oficiais (para os alunos do secundário); redes para o aro; CDs com aplicações didáticas; vídeo didático e um pôster promocional da campanha. Através desses materiais, o professor será responsável pelo período de aplicação das aulas, tais como a sua didática e ludicidade.

O profissional deverá almejar o campeonato escolar que acontece em diferentes fases: campeonato interno, provinciano e autonômico. Por abordar diversas faixas etárias, foi-se dividido da seguinte maneira - Pré-minibasket (09 aos 10 anos), Minibasket (11 aos 12 anos), Infantil (13 aos 14 anos), Cadete (15 aos 16 anos), Junior (17 aos 18 anos) e Especial (deficientes). A primeira fase é o campeonato interno, que deve ser organizado por um professor de Educação física; realizado cada um em sua cidade e num tipo de competição adotado pelo docente. Devem ser usados horários aleatórios como o intervalo, finais de semana, horário das aulas de Educação Física. A segunda fase do campeonato é denominada provincial, que são organizado por federações autonômicas, realizados em locais denominados pelos mesmos e o tipo de competição adotado seria o modelo “Sunny 3x3” (vide anexo 1) onde é obrigatória a participação do Estado, mas opcional para cada cidade. A terceira fase, como o próprio nome refere, autonômica, pode vir a ser realizada dependendo dos Estados que estiverem interessados. Portanto não há obrigatoriedade em participar dessa fase do campeonato.

Considerações Finais

Retomando alguns problemas que nortearam os nossos estudo, gostaríamos de fornecer algumas considerações pertinente ao mesmo. Através dessa monografia, apontamos a falta de estudos que enfrentamos durante toda a pesquisa, e que com ela pretendemos oferecer novos subsídios para os presentes e futuros profissionais de Educação Física. Não somente isso, mas como também gerar discussões que serão relevante para



Fig. 12 - "Segurando o mundo"

próximos estudos com o Basquetebol.

Neste estudo apontamos o uso do Streetball como facilitador pedagógico do Basquetebol. Esse jogo, característico com a cultura norte-americana, tem influenciado muito o esporte nos Estados Unidos. O prestígio deste jogo está maior nos tempos atuais com a atuação da empresa And 1 (marca multinacional que produz calçados, vestimentas, materiais e vídeos referente ao Streetball norte-americano). Os vídeos produzidos por eles foram distribuídos como estratégia de marketing da empresa, e que acabou por conquistar muitos simpatizantes do esporte,

inclusive no Brasil (que já tem um endereço na internet da empresa). Através dessa marca, percebemos o aumento do número de praticantes nas quadras dos clubes, parques recreativos e centros esportivos, como uma febre que vem contaminando as pessoas.

Como uma forma de jogo que já vem sendo jogado há tempos, resolvemos utilizar o Streetball como um meio de ensinar Basquetebol. Se observarmos a fundo, verificaremos que o Streetball possui todos os fundamentos do esporte, logo, ao ensinarmos Streetball,

estaremos educando o Basquetebol como um jogo reduzido. Pela sua simplicidade e pelo seu aspecto motivante, torna-se lúdico praticá-lo.

Ao analisarmos o streetball no seu aspecto tático, podemos utilizar situações que favoreçam o uso do jogo como uma possibilidade de ensino à modalidade basquetebol. Para isto, precisaremos ter em mente que não devemos limitar o streetball em uma situação de três jogadores contra três. Em uma cesta de basquetebol, podemos inserir situações de 1x1, 2x2 e até cinco jogadores em cada time. Existe também a possibilidade de jogar em situações de desigualdades numéricas, onde possam ocorrer várias situações-problemas para os alunos: 2x1, 3x2, 4x3 e assim por diante. Cabe aos professores escolherem em qual momento aplicar essas fases, ao mesmo tempo em que aproveitar a utilidade dos mesmos.

É importante ressaltar o nosso posicionamento quanto à pesquisa realizada. Demonstramos que o Streetball poderá ser incorporado como uma nova pedagogia do Basquetebol apoiando-nos no artigo *“Teaching Games For Understanding”*, como também verificamos que na prática, é possível realizá-lo através do “Programa Escolar de Baloncesto Sunny Delight 3x3”. Apesar de não possuímos financiamento suficiente para realizar este projeto no Brasil, podemos afirmar que existem meios de inserir o Streetball como forma de pedagogia do esporte.

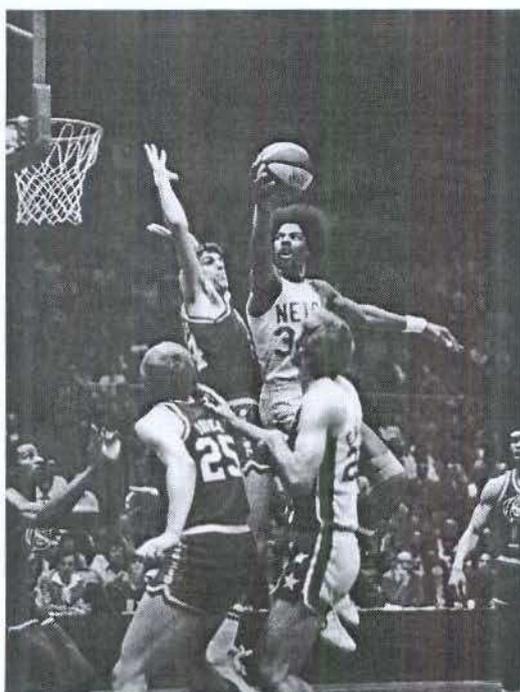


Fig. 13 - Julius Erving (“Dr. J”)

Figuras Anexadas

FEDERACIÓN Española de Baloncesto. **Programa escolar de Baloncesto SunnyD 3x3:**
Curso 2003-2004

Figuras: 10 (p. 5) e 11 (p. 7).

HUET, John. **Soul of the game.**

Figuras: 1, 6 e 12 (sem página)

MALLOZZI, Vicent M. **Asphalt Gods** : Na oral history of the Rucker Tournament.

Figura: 5 (p. 7)

MCKISSACK JR., Fredrick. **Black Hoops:** the history of african americans in basketball.
New Nork: Scholastic Press, 1999.

Figuras: 2 (p. 2), 3 (p. 4) e 4 (p. 11).

Michael Jordan: the ultimate career tribute, 1984-1988. **Gold collectors series basketball magazine.**

Figuras: 7 (p. 92), 8 (p.84) e 9 (p. 68).

MINSKY, Alan. **Kings of the court:** legends of the NBA.

Figura: 13 (p.65).

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

AXTHELM, Pete. **The city game: basketball from the garden to the playgrounds**. New York: Bison Books, 1999.

BALBINO, Hermes Ferreira. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: bases para uma proposta em pedagogia do esporte**. Dissertação (mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

BETTI, M. **Educação física e sociedade: a educação física na escola brasileira de 1º e 2º graus**. São Paulo: Movimento, 1991.

DE ROSE JR., Dante; TRICOLI, Valmor. **Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática**. Barueri: Manole, 2005.

Diâmetro da bola de Futebol. Disponível em:

<<http://www.fifa.com/em/regulations/regulation/0,1584,3,00.html#>> Acesso em: 01 jun 2005.

The Escape. Disponível em:

<<http://www.msfbasketball.com/streetballescape.htm>> Acesso em: 23 maio 2005.

FEDERACIÓN Española de Baloncesto. **Programa escolar de Baloncesto SunnyD 3x3: Curso 2003-2004**

FERREIRA, A. E. X. & DE ROSE JR., Dante. **Basquetebol, técnicas e táticas: uma abordagem didático-pedagógica**. São Paulo: EPU, 2003.

FITZPATRICK, Frank. **And the walls came tumbling down: the basketball game after that changed American sports.** New York: Bison Books, 2000.

GALATTI, Larissa Rafaela. **Pedagogia do esporte: discutindo o processo de ensino-aprendizagem na modalidade Basquetebol.** 2002. Monografia (trabalho de conclusão de curso da modalidade Bacharel em treinamento de Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002

HUET, John. **Soul of the game.** New York: Workman publishing, 1997.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.** São Paulo: Perspectiva, 1993.

Intro to Streetball. Disponível em:

<<http://www.msfbasketball.com/streetballintro.htm>> Acesso em: 23 maio 2005.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina A. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1995

MALLOZZI, Vicent M. **Asphalt Gods : Na oral history of the Rucker Tournament.** New York: Doubleday, 2003

MCKISSACK JR., Fredrick. **Black Hoops: the history of african americans in basketball.** New Nork: Scholastic Press, 1999.

MCNUTT, Kevin. **Hooked on hoops: understanding black youth' blind devotion to basketball.** Chicago: African American Images, 2002.

Michael Jordan: the ultimate career tribute, 1984-1988. **Gold collectors series basketball magazine.** 1998.

MINSKY, Alan. **Kings of the court: legends of the NBA.**New York: Magna books, 1995.

NUNES, Rachel Ciaco. **Pedagogia do esporte: teorias e práticas na iniciação do basquetebol.** 2003. Monografia (trabalho de conclusão de curso da modalidade Bacharel em treinamento de Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

OLIVEIRA, Valdomiro de; PAES, Roberto Rodrigues. **Ciência do basquetebol: pedagogia e metodologia da iniciação à especialização.** Londrina: Midiograf, 2004.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol.** Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PAES, R. R. Esporte educacional. **Anais do I congresso latino americano de educação motora e II congresso brasileiro de educação motora,** Foz do Iguaçu, 1998, p. 109-114.

PALMER, Chris. **Streetball: all the balers, moves, slams & shine.** New York: HarperCollins, 2004.

Regulamento do Streetball Sunny Delight 3x3. Disponível em:

<http://www.feb.es/basketv/frontend/code/app/index_FEB_section/1,8349,14-24,00.html>

Acesso em: 26 maio 2005.

SOUZA, Adriano José de. **Pedagogia do esporte: um estudo do conteúdo desenvolvido em escolas de iniciação e equipes de categorias menores do Voleibol e as exigências da prática profissional.** 1997. Monografia (trabalho de conclusão de curso da modalidade Bacharel em treinamento de Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

Street Basketball. Disponível em:

<http://en.wikipedia.org/wiki/Street_basketball> Acesso em: 09 maio 2005.

The Streetball influence. Disponível em:

<<http://www.msfbasketball.com/ankebreakin2.htm>>. Acesso em: 23 maio 2005.

Street legends. Disponível em:

<<http://www.msfbasketball.com/anklebreakin.htm>> Acesso em: 17 maio 2005.

TELANDER, Rick. **Heaven is a playground.** New York: Bison Books, 1995.

21 - Twenty one game (Basketball). Disponível em:

<http://en.wikipedia.org/wiki/21_basketball> Acesso em: 09 maio 2005.

WERNER, Peter; THORPE, Rod; BUNKER, David. Teaching games for understanding: evolution of a model. **The Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 67, n. 03, p. 27-33, 1996.

WIDEMAN, John E. **Hoop Roots: basketball, race and love.** New York: Houghton Mifflin, 2001.

ZAMBELLI, Thiago de Carvalho. **Histórias do basquetebol nas quadras externas de Campinas/SP: o diálogo do Streetball.** 2004. Monografia (trabalho de conclusão de curso da modalidade Bacharel em treinamento de Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

Anexo A - REGULAMENTO F.E.B. BALONCESTO Sunny 3X3

- Será jogado em uma única cesta.
- Os times serão compostos de quatro jogadores, e um deles começará como substituto.
- Cada time deveria nomear um capitão que será o representante de cada equipe.
- O jogo será contado a 21 pontos (caso ocorra o empate em 20 pontos, ganhará aquele que obtiver dois pontos de vantagem sobre o adversário) e terá uma duração de máximo de 20 minutos. Ao término do tempo, ganhará o time que tiver mais pontos no marcador.
- No caso do jogo terminar empatado, os três jogadores que estão jogando para cada time naquele momento, terão que efetuar um lance livre cada um. Ganhará o jogo o time que mais pontuar. Se o empate persistir, procederá a morte súbita - sistema onde aquele que converter o lance na disputa com o adversário, levará a vitória. Por exemplo, dois jogadores virão efetuar o lance livre, será dada vitória ao time para o jogador que fizer o ponto.
- Cada cesta vale um ponto, exceto aos obtidos na linha de três, que serão convalidados 2 pontos (em todas as categorias).
- A primeira posse de bola será sorteada.
- Depois de cada mudança de posse de bola, seja ela em um rebote defensivo ou bola recuperada, a bola deverá sair atrás da linha de três, para assim poder marcar. Se pontuar sem passar a linha de três, a cesta será somada no placar do time contrário e a posseção seria para este mesmo time que sofreu a cesta (contrário).
- Depois de cada cesta, a bola muda de posse com o jogo começando da linha de meio campo.
- No Pré-mini e Minibasket, quando o atacante tem a posse de bola (agarrada com as duas mãos), qualquer contato será penalizado com falta.
- Nas “bolas presas” a posseção da bola será para o time que está defendendo.
- As faltas serão arremessadas da linha de arremesso. A partir da quinta falta do time, todas as faltas serão cobradas com um lance livre e no caso de ter o ponto convertido, a posseção mudará de time (aquele que fez a falta); no caso de erro, a posseção da bola continua sendo do time que efetuou o lance livre.
- Os jogadores serão eliminados quando fizerem a quinta falta pessoal. O jogo pode continuar até um dos times permanecer com um único jogador.
- As faltas intencionais não serão permitidas e eles serão penalizados com um lance livre, seguido da posseção da bola.
- Nenhum jogador poderá participar em mais que um time.
- Em campeonatos provincianos e autônomos serão penalizados os times que estiverem atrasados em mais de 5 minutos.
- Se algum organizador observar um comportamento antiesportivo em um ou vários jogadores de um time, e se esse comportamento influenciar o jogo, eles poderão ser eliminado da competição.
- A organização tem o direito de modificar ou aumentar algumas normas previamente.